

Etnicidade...

Uma questão propositadamente em aberto

- Bibliografia obrigatória: CUNHA, Manuela - “Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível”, “Critérios de indianidade ou lições de antropofagia” e “Parecer sobre os critérios de identidade étnica”, in: Antropologia do Brasil
- Bibliografia complementar: BARTH, Fredick - Ethnic group and boundaire “Temáticas permanentes e emergentes na análise da etnicidade”, in: Antropologia da etnicidade; para além de “Ethnic group and boundaire”, org. Hans Vermeulen e Cora Govers
- Abner Cohen – Custon and politics in urban Africa
- Apropriações brasileiras : Roberto Cardoso de Oliveira
Darcy Ribeiro

Esquema:

- 1 - Autores centrais: Fredick Barth e Manuela Carneiro da Cunha.
- 2- Questão de fundo: repensar as noções de etnicidade e de cultura.
- 3 - Critérios recusados para se pensar a etnicidade : 3.1 – conceito de raça
3.2 – conceito tradicional de cultura
- 4 - Grupos étnicos como formas de organização social.
- 5 - Definição moderna de cultura.
- 6 - Sinais Diacríticos.
- 7 - Algumas conclusões.

1 – Autores centrais:

B) Fredrick Barth: autor holandês

- Um dos primeiros a pensar a etnicidade e a cultura sob a ótica da modernidade e da Pós-modernidade
- Suas teorias continuam válidas e atuais mesmo 47 anos depois (escreveu em 1960).

B) Manuela Carneiro da Cunha: portuguesa

- Veio ao Brasil com 11 anos
- Formada em matemática pura (cursou em Paris)

assistiu um seminário de Lévi-Strauss e resolveu ser antropóloga.

- Deu aula por 11 anos na Unicamp. Depois deu aulas na USP, em Cambridge e em Paris
- Trabalhou na Comissão Pró-Índio, em S.P

2 - Questão de fundo: pensar a **etnicidade**, ou seja os grupos étnicos de uma nova maneira, mais condizente às questões do mundo moderno, como o contato entre os vários grupos culturais, a luta pela demarcação de territórios e situações como campos de refugiados e imigração.

Vale lembrar que os antropólogos são constantemente requisitados para atestar se um grupo é ou não “étnico” e isto pode definir as políticas de demarcação de terras ou outros direitos

3 - Critérios recusados para se pensar a etnicidade

Se Etnicidade remete aos *critérios* para se definir um grupo étnico, devemos começar nos perguntando pelos critérios que a Antropologia (que é o lugar de onde falamos) recusou: o conceito de raça e o conceito antigo de cultura.

3.1. O conceito de raça, calcado na biologia, dizia que um grupo étnico seria aquele que poderia ser identificado somaticamente. Assim, índios puros seriam aqueles cujos ascendentes fossem pré-colombianos puros.

- Problemas óbvios:

a) a não ser que sob rígido isolamento, não há comunidade que não seja miscigenada. Os chamados “brancos portugueses” já eram mestiços de mouros. No Brasil, a miscigenação entre brancos, índios e negros sempre foi incentivada desde 1500. Em 1755, o marquês de Pombal cria uma lei incentivando a miscigenação entre brancos e índios.

Cem anos mais tarde, a chamada “lei das Terras” (de 1850) serviu de pretexto para a espoliação das terras indígenas, pois decretava que só “índios puros” teriam direito á terra.

b) pressupor raças puras pode levar aos massacres de Hitler e mais recentemente, entre tutsis e hutus, na África e entre sérvios e croatas na Bósnia.

3.2) A antrop. recusou o critério da cultura após a Segunda Guerra Mundial

a) porque se tomava a existência desta cultura como uma característica primeira, quando se trata, pelo contrário, da consequência da organização de um grupo étnico.

b) porque ele supunha que a cultura partilhada devesse ser obrigatoriamente a cultura ancestral

4. Grupos étnicos como formas de organização social

- Novo Critério adotado pela antropologia: Um grupo étnico passou a ser definido como formas de organização social em populações cujos membros se identificam e são identificados como tais pelos outros (Barth, 1969: 11).

- A identidade étnica passa a ser definida em termos de adscrição: assim, é índio quem se considera índio e é considerado como tal pelo grupo.

- Os grupos étnicos só podem ser caracterizados pela distinção que eles percebem entre eles próprios e com os grupos com os quais interagem, devendo decidir suas regras de inclusão ou exclusão

- Trata-se de repensarmos o que é cultura e qual a relação entre identidade étnica e cultura.
- Compartilhar uma cultura é uma consequência da etnicidade e não sua explicação.

5. Definição moderna de cultura

- A cultura deve ser vista como algo constantemente reinventada, dinâmica.
- Ela não é um bloco contínuo e sim um **FLUXO** \Rightarrow ela muitas vezes é contraditória e incoerente e está distribuída de forma desigual entre as várias pessoas que fazem parte da cultura, porque estas estão distribuídas e posicionadas na mesma cultura de formas diferentes.
- A cultura não é algo pronto, acabado, e sim um **precipitado de experiências**: e as pessoas que estão inseridas num mesmo grupo tem experiências diferentes.
- Olhar as **experiências** que formam a cultura e não só fazer o seu inventário \Rightarrow idéia **contexto** de produção da cultura.
- A cultura é um **mecanismo de resposta**, e se as perguntas mudam, as respostas mudam também. Ex de Barth: família de paquistaneses que vão morar na Noruega:

↓

paquistanês/mulher/filhos \Rightarrow cada qual com as suas experiências \Rightarrow os fundos de cultura serão distintos devido aos distintos posicionamentos \Rightarrow elementos que mudam até dentro da mesma faixa de geração.

• Definição moderna de cultura: Fluxo
Continuidade da variação

- Ex: O rio doce vai ser percebido do exterior o tempo todo como rio doce. Mas vai mudando: vai sendo mais ou menos caudaloso, mais ou menos barrento.
- Heróclito dizia: Não se mergulha duas vezes num mesmo rio.
- Mas, se a identidade e a cultura são fluídas, o que fica?

6. Sinais Diacríticos

- Cunha diz: Não se leva para a diáspora todos os pertences \Rightarrow é preciso escolher os mais significativos.
- A cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situações de extremo contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função, torna-se uma **cultura de contraste**.
- Isto parte da idéia de Barth sobre a questão da **fronteira**: saber qual é o seu nicho, tomar consciência de si, reconhecer a sua alteridade em **relação** aos outros grupos. Durante muito tempo pensou-se que o isolamento gerava cultura mais puras e com traços distintivos mais marcados \Rightarrow Mas Barth diz que não, porque o grupo só fala de si quando está relacionado com outros grupos. É nas situações de **fronteira** que a **identidade é mais operante e os traços distintivos são reafirmados e, portando marcados**.
- **Sinais diacríticos**: sinais que o grupo escolhe para se diferenciar de outros grupos e que dependem dos sinais dos outros. Se as situações mudam, estes sinais também podem mudar.
- Quais são eles? **Só o grupo étnico em questão sabe**. Pode ser a língua, mas nem sempre. E podem variar de acordo com a época, ou com relação a outros elementos do contexto. A língua tb não precisa manter toda a sua estrutura (Cafundó, estudado por Peter Fry: resignificava termos dentro de uma sintaxe do dominador, ou o candomblé, que resignificou seus conteúdos sob a forma de entidades cristãs. A manifestação cultural era diferente, mas a **essência** era igual [roupagem diferente, mas mesma essência]).
- Estabelecer sinais diacríticos é um processo recorrente na afirmação étnica \Rightarrow Cunha diz na pg 116: importância da “seleção de alguns símbolos que garantem, diante das perdas culturais, a continuidade e a singularidade do grupo”.
- Os sinais são escolhidos em função dos outros presentes na sociedade na qual o grupo está inserido.
- O ponto central é que estes sinais **não dependem de verificabilidade externa, menos ainda do antropólogo. Só os membros do grupo é que podem definí-los e mesmo**

alterá-los. Não cabe ao observador de fora definir. O grupo pode escolher “corte de cabelo”, mas tb “passado heróico”, ou “idéia de sofrimento”, ou “código de honra”.

- Metáfora do ponto de crochê (o ponto é o mesmo, a trama se modifica) ou da música (a escala não muda, a combinação das notas sim)

7) Algumas conclusões (PORTANTO)

- Pg 116: “A cultura, portanto, em vez de ser o pressuposto de um grupo étnico, é, de certa forma, produto deste” ⇒ **cultura é produto e não pressuposto**
- Barth diz “Os grupos étnicos são categorias adscritivas e de identificação, que são utilizadas pelos próprios atores e têm, portanto, a característica de organizar a interação entre os indivíduos” (Barth, 1976: 10/11) ⇒ compartilhar uma cultura é uma consequência da etnicidade e não sua explicação.
- Grupos étnicos são formas de **organização social**, e portanto, se modificam.
- A antropologia sempre vinculou cultura á identidade. Sempre se procurou definir um povo pelas suas manifestações culturais. Só que o povo pode persistir e a cultura mudar (como no caso da concertina. Não perderam a identidade, mas mudaram a cultura. A concertina acabou enquanto tradição, mas o grupo persistiu. E só ao grupo cabe decidir se vale á pena recriar a organização social – por exemplo, os bailes de família – para reintroduzir a concertina. Mas de todo modo, ela será diferente dos registros feito sobre ela. Preservar o registro é uma coisa, decidir de fora que a concertina deve ser recuperada enquanto manifestação cultural é outra). Ou recolocando a questão, o italiano deixa de ser italiano se parar de comer pizza?
- Substituir a idéia que se adapta a novos ambientes e se perpetua como pode diante dos obstáculos que este novo meio lhe antepõe ⇒ pg 88: “Ao contrário, a noção que se depreende é que a tradição cultural serve de porão, de reservatório onde irão buscar, à medida das necessidades do novo meio, traços culturais isolados no todo, que servirão essencialmente como sinais diacríticos para uma identificação étnica. A tradição cultural seria assim *manipulada* para outros fins, e não uma instância determinante”.
- O grupo pode por em cena os traços culturais só quando for de seu interesse: os índios não andam sempre pintados, mas quando Airton krenak foi a Assembléia Legislativa brigar pelo direito á terra, enquanto ele falava, ele foi pintando o rosto. Mas o que podemos deduzir, que ele só era índio porque pintava o rosto? Ou havia outra coisa mais importante na constituição da identidade do seu povo, mas que não seria compreendida

ali e aí ele resolveu usar algo mais palpável? Desta forma, a etnicidade, como qualquer forma de reivindicação cultural, é uma forma importante de protestos políticos. Etnicidade \Rightarrow Organização política.

- Idéia da Sylvia Caiuby do “**Nós-coletivo**”: os grupos indígenas, cada um com as suas particularidades, se reúnem para protestar ou reivindicar algo, passam por cima das diferenças étnicas entre eles (que são justamente as características da etnicidade mais importantes), elegem sinais diacríticos com força no imaginário ocidental. Depois retornam para as suas comunidades e vivem os aspectos mais importantes de sua cultura ali, no cotidiano.
- Cunha: Os grupos étnicos são formas de organização que respondem á condições políticas e econômicas contemporâneas e não vestígios de organizações passadas. Elas se servem do arsenal cultural não ara conservá-los como um todo, mas para selecionar traços que servirão de sinais diacríticos para se exhibir a afiliação a um grupo. Um mesmo grupo pode usar de identidades diferentes, dependendo do interesse específico que quer explorar (ex. moradores da Vila Sônia x moradores do Jardim Colombo).

Pensar em **fronteira, cultura dinâmica, adscrição, sinais diacríticos, usos políticos da identidade** nos obriga a repensar as idéias de pureza, aculturação, integração. Existe, por assim dizer, uma “contaminação” entre culturas, mas não uma perda. A cultura não é algo objetivo que se possa perder. Pensar a pureza não mais como “o permanente, o cristalizado”, mas sim como o “emergencial, o situacional, o esvanescente”

A cultura é residual, mas irreduzível: não se reduz a uma essência imutável